



António Correia d'Oliveira

peregrino talento de poeta, autor de preciosísimos
livros de um exaltado lirismo
e de uma intensa vibração patriótica

Braga, 20 de Outubro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 343 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.ª

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

CONVIDAM-SE OS CATOLICOS . . .

que pretendam comprar *artigos religiosos*, a visitarem a

CASA DE S. JOSÉ

168, Rua das Flores, 170 — PORTO

para apreciarem o seu sortido completo em *terços, medalhas, estampas, crucifixos, livros de missa, etc.*, e avaliarem os seus preços de *revenda e propaganda*.

Vendas por junto, de Diplomas das Filhas de Maria, Oleografias de todos os tamanhos, Redomas, Crucifixos do Perdão, patentes e medalhas do Apostolado da Oração, etc. etc.

ATENÇÃO

Em troca da seguinte senha brinde terão os nossos clientes um desconto de 10 % em toda e qualquer compra efectuada a dinheiro em nossa casa, desconto este que será convertido em quaisquer artigos religiosos à sua escolha!

Senha-brinde DA _____
Casa S. José
FUNDADA EM 1896
168, R. das Flores, 170 — PORTO
Esc.
Data:

*Escreva um postal à Casa de S. José,
preguntando preços e instruções.*

LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



ILUSTRACÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

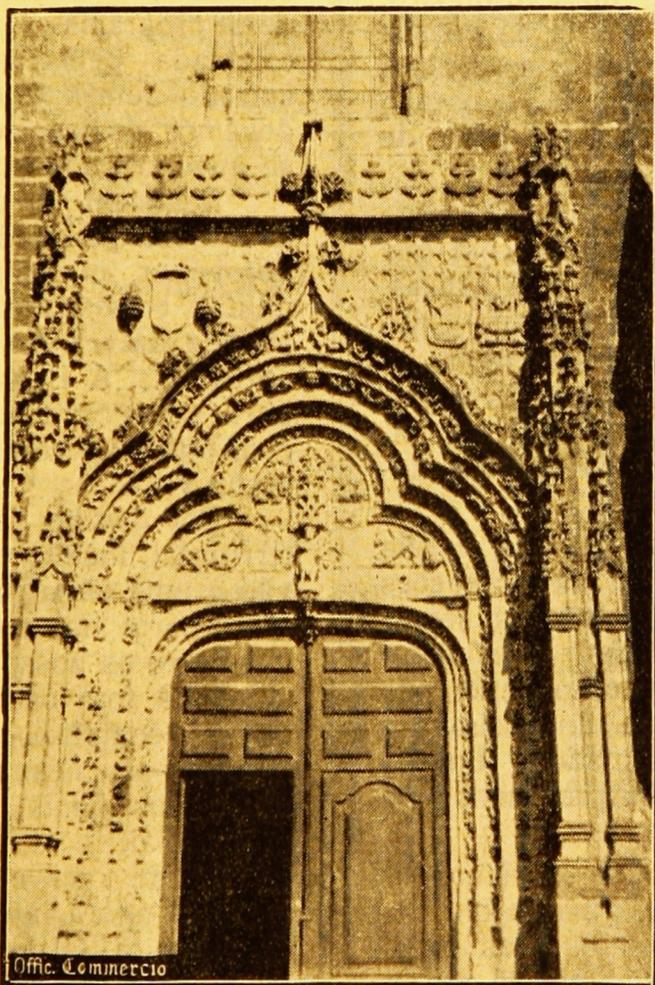
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 20 de Outubro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 343



VILA DO CONDE — Porta principal da Igreja
Matriz, estilo manuelino, seculo XV

(Fot. amator Humberto Lima)

As atenções do paiz convergiram, ha dias, para uma nota officiosa na qual o ministro das finanças, snr. dr. Oliveira Salazar respondia a uma carta, vinda a lume por então, e escrita no estrangeiro e dirigida pelo snr. dr. Bernardino Machado, a membros da Sociedade das Nações.

Compreende-se, sem a aprovar, nem a justificar por qualquer forma, a attitude anti-situacionista do antigo Presidente. Era ele quem detinha os selos do Estado, quando o movimento de 28 de Maio o fez afastar da vida official; muito embora tenha transmitido legal e constitucionalmente os poderes aos novos governantes, em diplomas para isso publicados no Diario do Governo, ha-de ter ficado ao antigo Presidente a má vontade, um não-sei-que doloroso.

E' natural, e compreende-se por isso o seu oposicionismo. Não se pode, porem, explicar, é um acto que fere o sentimento nacional, o levar o despeito e irredutibilidade de pensamento diante do estrangeiro, porque levar para fóra da Patria as nossas dissensões, as nossas disputas, as nossas desinteligenças, é um desprestigio para o País, é apoucar e diminuir o bom nome de Portugal.

Contrasta delicadamente com a carta vinda a publico, a nota officiosa com que respondeu o snr. Ministro das Finanças.

E contrasta, porque não faz declarações — o fogo de vista da retórica e da lógica — mas limita-se a, em breves palavras e eloquentes numeros, repor a verdade dos factos e apresentou o verdadeiro estado financeiro do país.

Não vai a crónica, porque não é sua missão, reproduzir e analisar as afirmações do sr. Ministro das finanças: não vai seguir as suas operações aritmeticas, de eloquencia summa e completa. O nosso papel não poderia comportar a critica financeira e o estudo dos quadros apresentados. Limitamo-nos a generalidades. Apreciamos em conjunto as afirmações.

Verifica-se que tem sido proficuos os sacrificios pedidos ao país, quando o Estado se vê habilitado a fazer os seus pagamentos em ouro, quando em relação ao escudo, a libra desce no mercado londrino, cotando-se hoje a menos dez escudos do que há meses, e acusando maior cotação o nosso papel do Estado, as inscrições portugêsas, nas praças estrangeiras e nacionais, são tambem favoraveis ao ressurgir financeiro as varias contas do país.

Estaremos a caminho de restauração financeira? Depreende-se isso da nota do sr. Ministro das Finanças, desejamos isso do coração, louvando-vos nas belas afirmações que fez ha dias, e tanto nos acalentam. Os sacrificios pedidos e compridos de boamente não terão sido estereis.

Seria, porem, muito rasteiro o ressurgimento que sorri atravez da friesa desses numeros, se o governo não propoesse alguma coisa mais, que é o ressurgimento economico em toda a extensão da palavra. Cumpre, e o governo se propõe efectuar um plano de fomento, capaz de produzir mais riqueza, capaz de fazer um Portugal mais rico e mais cheio de bens.

Um grande emprestimo, por aplicar em obras de fomento, é o que preconizam, como corolario da campanha de equibrio orçamental e saneamento nonetario, os entendidos no assunto. Artigos, sobre o caso, em jornais e revistas tem mostrado a necessidade e a facilidade no cumprimento deste programa. A imprensa mais ou menos orientada pelos homens do governo tem entrado num luxo de promenores a que não devemos dedicar-nos. Mas é um plano que se encontra nos espiritos.

Realmente o país, que é muito rico, e dotado de qualidades excepcionais, está por aproveitar, e assim se explica o atrazo de muitas coisas nossas. Uma grande parte, metade talvez do solo nacional está por aproveitar. A Belgica não tem um palmo de terra desaproveitado, e assim se explica — com outros factores — que seja bem diversa a sua vida.

Por motivo da falta do aproveitamento territorial, inculto em grandes extensões que vão a uma terça parte do territorio, alem de outra parte mal aproveitada, emigram continuamente os nossos concidadãos, que procuram lá fora os meios de viver. E' o problema complexo, a emigração não pode exprimir-se, nem é conveniente, mas ha limites dos quais, passando, começa a ser prejudicial.

E' de crer e esperar, porem, que as medidas agora iniciadas cujos frutos o sr. dr. Oliveira Salazar condensou em uma breve nota, é de crer e de esperar, começou a produzir desde já os seus fructos e que o equilibrio financeiro que começa a desenharse, traga apos si o bem estar economico, uma produção maior de riqueza e uma distribuição de riqueza que represente a felicidade e o bem estar desta nação finalmente tranquila.

Canção da Esperança

I — Bendita sejas Tu, Esperança, que és a Luz e Amparo dos que creem em Ti!

II — Louvada sejas dos Pobrezinhos que te invocam e por Ti confiam na Bemaventurança do Céu!

III — Bendita dos miseráveis que o Mundo repele e Tu acolhes, generosa, sob a fímbria azul do Teu manto de Paz!

IV — Louvada dos Aleijados e dos Enfermos que Tu consolas e fortaleces na hora negra das suas tribulações.

V — Bendita dos Tristes e dos Oprimidos que os escárneos e as injúrias bárbaramente flagelam. Para Eles florescem Teus olhos divinos em sorrisos de misericórdia!

VI — Louvada dos que, seguindo as verdades da rectidão e da Justiça, por onde os guiaste, se libertaram do contágio do vício e da iniquidade!

VII — Bendita dos que trabalham e sofrem, por merecerem a recompensa do Descanso que Lhes prometes!

VIII — Louvada dos Aflitos que levantaram as mãos para Ti, ó Esperança, porque Eles sentiram, na adversidade, a Consolação dos Teus Benefícios.

IX — Bendita daqueles que o Destino separou e não descreeram da Tua Clemência; Tu Os conduzirás de novo à Felicidade do Amor!

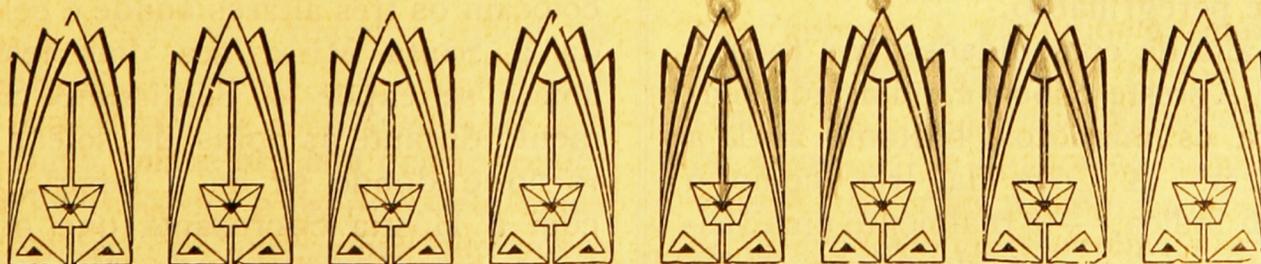
X — Louvada dos que Te elegeram como Rainha, rendendo-Te vassalagem, jurando-Te fidelidade. Tu Lhes serás propícia e Lhes semearás de bênçãos o caminho!

XI — Bendita, louvada e exaltada sejas Tu, no coração dos homens, Alegria dos Tristes, Mãe dos Desamparados, Resgate dos Cativos, Luz Eterna que penetras todos os nevoeiros e dissipas as trevas do Destêrro que atravessamos.

XII — Esperança, Celestial Advogada, Protecção e Amparo dos que sofrem; não esqueças, não abandones nunca, na sua desolação imensa, Aqueles que creem em Ti!

(Do livro: «*Poemas sem Rima*», em preparação).

ARNALDO BEZERRA.



Batalha e Fátima

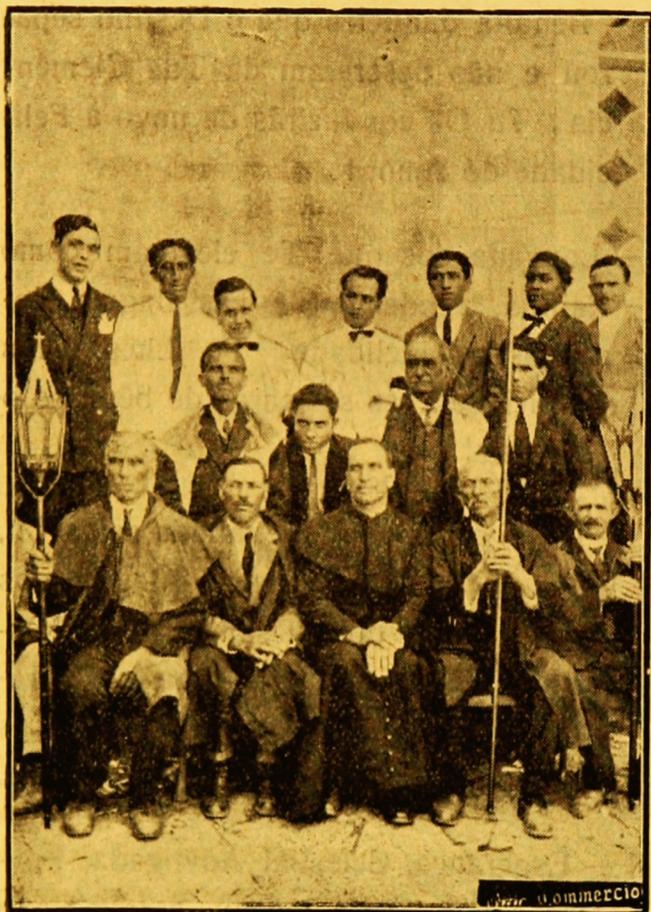
II

(NOTAS E IMPRESSÕES)

Fátima

NADA há ali que, humanamente falando, interesse, atráia ou chame os forasteiros.

São más as estradas, há dificuldade de transportes; preços elevadíssimos tanto destes como dos dois Hoteis que



SÁ DA BANDEIRA — AFRICA OCIDENTAL
A comissão organisadora da 1.^a Comunhão, na cidade de Sá da Bandeira (Lubango) vendo-se ao centro o rev. Paroco Padre Manuel Antonio Dourado e o juiz da festa snr. Manuel Gonçalves Carvalho, um dos mais antigos colonos daquela cidade

já lá funcionam — principalmente nos dias de peregrinação.

Falta de comodidades por toda a parte. Agreste o local e, nomeiadamente para os minhótos, bastante arida a paisagem. A Cova da Iria, como o nome o indica, — é realmente uma vasta e longa *Cóva* — sendo relativamente

limitado o seu horisonte, irregular o terreno, raquitica e diminuta a vegetação.

A própria Capéla comemorativa das Aparições, pobríssima, sem arte e tão pequenina que, no seu interior, não cabem certamente, duas duzias de pessoas.

Sob o pequeno Alpendre que a rodeia, em frente à porta da entrada e separada desta por um curto espaço — ergue-se uma *especie de altar* — que melhor se lhe pode chamar — *uma parêde lisa* — e à esquerda de quem entra, na base desta, um pequeno gradeamento circular dentro do qual uma pobre jarra com flores — marca o proprio local aonde estava a *azinheira* bemdita na qual a Virgem Imaculada milagrosamente se mostrava aos inocentes e humildes pastorinhos, que devótamente lhe rezavam o seu Terço!

Ainda à esquerda, em lugar um pouco elevado sobre o dito altar, ergue-se um singelo e modesto pedestal, — uma especie de *peanha*, aonde, nos dias festivos, se coloca a bonita e piedosa imagem de Nossa Senhora do Rozário de Fátima, e, diante desta imagem bemdita, — em toscas e pequenas *cóvas*, — metem-se as vélas acesas que, de noite e de dia, ardem diante da Virgem implorando ou agradecendo as suas maternais e prodigiosas graças!

Um pouco mais além, o pavilhão dos doentes sob o qual, num estrado mais elevado que se ergue ao fundo, se collocam os três altares aonde é celebrada a Santa Missa nos dias festivos, aonde se expõe o Santíssimo Sacramento durante as horas de soléne adoração e donde se dá a benção geral com a Hóstia Sacrosanta que depois, pelas mãos sagradas do Ministro de

Cristo, vai abençoar individualmente, — por entre preces, canticos e lagrimas, — cada um dos doentinhos ali presentes.

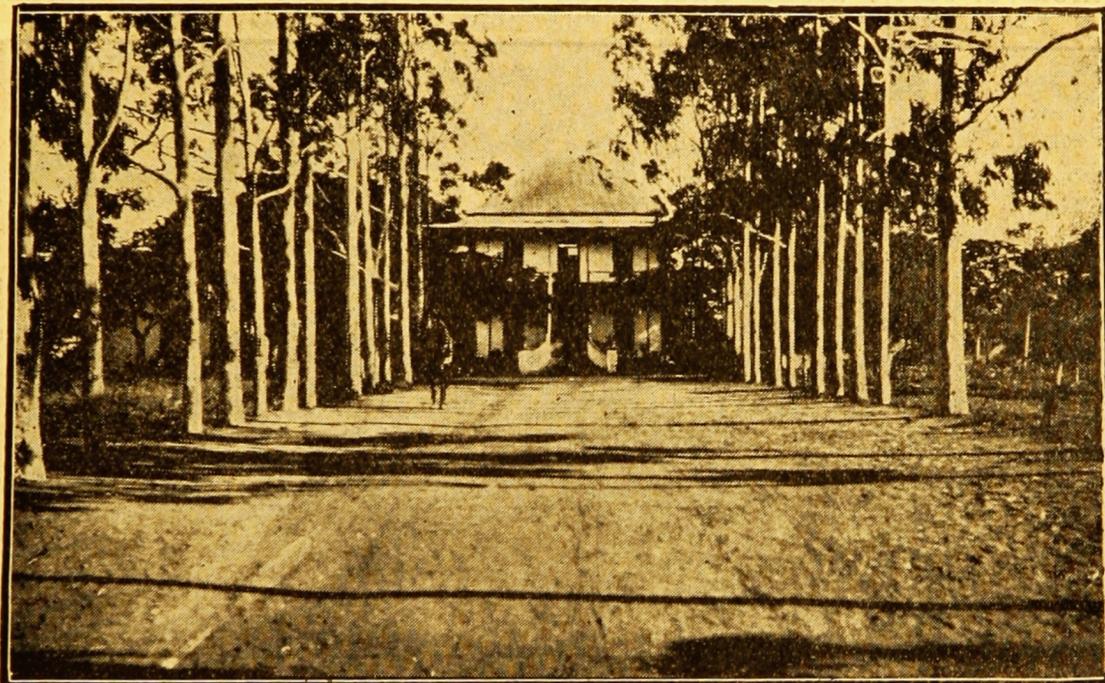
Dum pulpito singelo que se ergue ao lado deste estrado, é prègada aos fiéis a palavra divina e, acabadas as solenidades, recólhe-se novamente o Santíssimo Sacramento — à sua pobre capela provisoria — que fica tambem ao fundo do pavilhão, entrando-se para ela por uma pequena porta à esquerda do aludido estrado.

Com excepção dos porticos da entrada para o local vedado já de construção moderna, artísticos e bem trabalhados — e do fontenario circular, simples mas muito bem construido donde, por 15 torneiras, simbolizando os quinze misterios do Rosário, colocadas em toda a volta, jorra abundante a água benedita que após as aparições da Virgem e m Santíssima brotou miraculo-

samente naquêlo terreno tão árido e sêco, — é quasi absoluta a falta de comodidades de todo o genero — aliás permitidas em qualquer templo cristão, — que ali se nóta, — correspondendo, em certo modo, à recomendação que Nossa Senhora por intermedio dos privilegiados Pastorinhos, faz a todos os seus devótos, principalmente aos peregrinos da Fátima: «Penitencia! Penitencia e Oração!»

E de facto assim succede, porque naquele vastíssimo recinto aonde se frémem as multidões, é o *tapête* a fria terra e servem de *genuflexorios* as pedras duras que se erguem donde aonde, sendo as abobadas o proprio Céu, umas vezes coberto de nuvens que derramam

copiosa chuva sôbre os fervorosos fiéis sem conseguir afastá-los ou esfriar-lhes o ardor da oração; outras o sol, dordejando a prumo na hora do Zenith, o asfixiante calor dos seus raios de fôgo que incidem sôbre a multidão, fazendo com que as bágas de suor que lhes escorrem da fronte afogueada vão misturar-se com as lagrimas de enternecida comoção que os olhos derramam abundantemente sem que o incómodo fisico revelado por este possa diminuir nem levemente a moral emoção que num arroubo de Fé, mística e profunda, faz



NAS NOSSAS COLONIAS — Missão de S. Jeronimo de Magude
Residencia missionaria

derramar aquelas! Não há *lugares reservados* senão para os doentinhos e suas enfermeiras sob o pavilhão a elles destinado que ainda assim não passa dum *alpendre* relativamente espaçoso, coberto de telha mas aberto dos tres lados — com rusticos bancos de madeira para se assentarem e . . . para se ajoelharem, a fria e nua terra, como todos os outros peregrinos.

Oh! Humanamente falando, nada interessa, nada atrai, nada se aprecia na Fátima! E contudo, as multidões, idas de todos os pontos do país, acórrerem lá! . . . os póbres misturados com os ricos . . . os vèlhinhos com os jovens . . . as crianças com os adultos . . . os ilustrados e cultos com os ignoran-

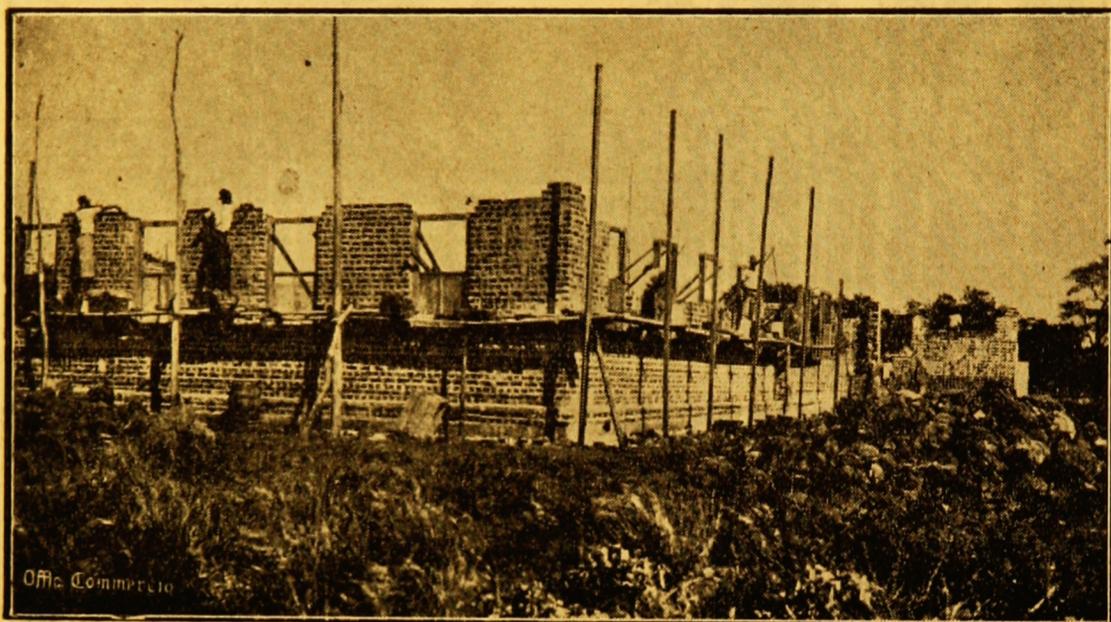
tes e analfabétos . . . os Sacerdotes com os leigos . . . os religiosos . . . com os que pretendem mostrar-se *descrentes* indo lá só por *curiosidade*; (por tantas e tão variadas fórmulas o Divino Pastor chama ao Aprisco a desgarrada ovelha!) e até os justos e piedosos lá se veem misturados com os pobres pecadores a quem a Virgem do Rozario quasi inconscientemente ali atrai para sob a sua maternal e misericordiosa protecção, os restituir à graça e amor do seu Santíssimo Filho.

Ah! Então, sob um celestial e inefável *bafejo divino* que, física e mo-

e fazendo ecoar em todos os corações — como num doce *marulhar*, — a prece bendita e enternecedora que os anjos certamente em união com os peregrinos entoam, repercutindo-se pelos espaços e ecoando mística e fervorosamente em todos os corações: « Avé! Avé! Maria! »

* * *

Segue-se a adoração noturna. Se é possível, mais humilhado ainda do que no Presepio — aonde mesmo sob as pobres fâchas dum débil recém-nascido — a humanidade bendita de Jesus



NAS NOSSAS COLONIAS — Edifício em construção na Missão de S. Jeronimo de Magude, destinado ao internato de meninas

ralmente a todos envolve numa inexplicavel mas *sensível onda* sobrenatural, — a Cova da Iria transforma-se por tal modo que nos dá a impressão de que está directamente recebendo um miraculoso reflexo do Céu!

* * *

Começam, no dia 12 à noite, os cultos piedosos, comoventes e solenes em toda a sua béla e sublime singeleza!

Na extensão vastissima desse local abençoado, fórma-se a procissão chamada « *das vélinhas* » que em breve se torna um *mar ondulante* de luzes embandando suavemente numa celestial e doce calma, o espírito dos fiéis, — por mais agitado que o de alguns esteja, —

— estava patente aos olhos dos Seus adoradores, que nos vagidos suavissimos dessa criancinha adoravel reconheciam a voz paternal e misericordiosa da infinita bondade a Deus que vinha cheio de amor, oferecer a salvação — a bemaventurança a « Paz aos homens de boa vontade » — na Fátima, — completamente oculta a Humanidade Santissima sob a *aparencia* material da Hostia sacrosanta, — é mais completo o seu aniquilamento aparente, mais estupendo — por assim dizer, — do que o do Nascimento no Presepio, o milagre tantas vezes repetido sobre os Altares, da transubstanciação das Sagradas Especies, no verdadeiro Corpo, Sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como em Belem sucedia, não há na Fátima, ainda mesmo durante a solene adoração, sumptuosidade, aparato ou grandeza material de especie alguma que evidencie a presença rial do Rei dos Reis; não obstante, as multidões prostram-se em reverente adoração, — expandem-se os corações em

fervorosas preces que, a maior parte das vezes, traduzem ardentes supplicas.

E, as almas em adoração, — as multidões sucedem-se ajoelhadas sobre a fria terra, — as mãos erguidas em humilde atitude, os olhos marejados de enternecidas lagrimas... e a noite passa rápida sem que os corpos sintam o cansaço da vigilia, a aspereza da temperatura ou a necessidade do repouso!

Ao primeiro raiar da Aurora, os Sacerdotes vão uns após outros, subindo ao altar para a celebração do Santo Sacrificio da Missa a que os fiéis assistem com recolhimento e ardente Fé, — alternando-se com a Sagrada Comunhão distribuida mesmo ao ar livre, por entre canticos suavissimos e comovidas orações, a milhares e milhares de fiéis... entre os quais não poucos celebram nesse momento, o *festim celestial* do seu regresso à graça divina.

E muitos e muitos, naquela hora solene obtem enfim, pelas suas constantes e fervorosas preces, lagrimas sentidas e sacrificios espontaneos... a almejada conversão dos entes queridos que lá não puderam levar mas que, mesmo ao longe e prestes a despenharem-se no abysmo da condenação eterna — como a Paulo succedeu no caminho de Damasco — por intercessão da Virgem de Fátima sentiram o irresistivel e miraculoso chamamento da misericordia e graça do Senhor que, no momento determinado pela Sua Providencia divina, — (obtido e talvez *apressado* pelas ardentes preces ali feitas por intercessão de Nossa Senhora do Rosario) os arrancou das algemas e triste escravidão do pecado para gosarem, libertos e

felizes, as caricias divinas do Amantissimo Pai do Céu, — que o Evangelho tão nitidamente nos representa no desvelado e extremoso «Pai do Filho pródigo!»

A' hora do meio dia solar, a Imagem miraculosa da Virgem do Rosario é levada em piedosa procissão por entre comovidas e ardentes aclamações de amor e de Fé, para sob o Pavilhão, aonde são celebradas as solenidades e no qual já se encontram os doentinhos, caridosa e desveladamente assistidos pelas suas enfermeiras, as piedosas e



NAS NOSSAS COLONIAS — Associados do Apostolado da Oração na Missão de S. Jeronimo

exemplares servas de Nossa Senhora do Rosario de Fátima.

Por especial intenção dos doentes ali reunidos, é celebrada a Santa Missa, — a ultima desse dia — durante a qual a multidão dos peregrinos reza o terço em voz alta com a maior devoção e fervor!

Segue-se o sermão — executado com recolhimento e comovida atenção.

No fim dele e após o canto unisono e empolgante do *Tantum Ergo*, entoado por milhares de vozes num comunicativo transporte de Amor, de Esperança e de Fé, — dá-se a benção com o Santissimo Sacramento, geralmente a todos os fiéis, sendo dada individualmente a cada doentinho a Ben-

ção sempre salvadora embora nem sempre palpavelmente miraculosa, enquanto o Sacerdote e todos os assistentes — com a voz trémula de comoção, os olhos derramando copiosas lagrimas e as mãos erguidas em ardente prece, vão repetindo as Invocações: « Senhor, nós Vos adoramos! Senhor, nós temos confiança em Vós!

Senhor, nós Vos amamos! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Vós Sois a resurreição e a Vida!

Senhor, aquêlê a quem amais está doente! etc. Indiscritível, na verdade, esse momento solêne em que *indubitável e sensivelmente* « *Jesus passa fazendo Bem* » (*Pertransiit bene faciendo.*)

E' assim que a Virgem Santíssima procura deter o braço vingador da Justiça divina fazendo com que as mãos omnipotentes mas redentoras que se deixaram cravar na Cruz para nos salvar, profusa e copiosamente espalhem a abundancia das suas mercês e bênçãos divinas sôbre os fiéis ali reunidos, sobre os que mesmo só em espírito lá estão presentes; sobre os justos e pecadores, sobre os doentes e sãos, — sobre todos, todos os que imploram e para quem é implorada a misericórdia e graça divinas por intercessão de Nossa Senhora do Rosario, na Fátima aparecida!

Então, a « Cova da Iria » transforma-se e — embora em genero totalmente diferente, — apresenta-se-nos tão sublime, tão grandiosa, que nos parece, por assim dizer, *fundida* com o monumental e grandioso templo e mosteiro da Batalha unindo em místico laço, o heroismo patriótico e cristão de S. Nuno Alvares Pereira, que foi um verdadeiro santo, — não obstante haver sido um glorioso herói, — com a humildade profunda e inexcêdível pobreza de São Francisco d'Assis, — que tão docemente se nos faz sentir na modestia e pobreza da Fátima, enlaçando a fé ardente e admiravel do Santo Condestável, com o seráfico amor de Deus e doce caridade não só para com o *irmão Proximo*, como para com todas as *irmãs*, criaturas do Senhor, que tão

poética e edificantemente caracterisavam o *Pobresinho Chagado* — unidos ambos em Deus e na mais fervorosa e filial devoção a Nossa Senhora — que se revêla e se admira no grandioso e artístico monumento da Batalha, — que se respira e *sentê* na humildade e pobreza da Fátima, sob aquêla atmosfera bendita, repassada do sobrenatural!

* * *

Na Batalha, eleva-se o homem até Deus, erguendo-lhe, em honra da Virgem Imaculada, Padroeira de Portugal, esse monumento admiravel que aos vindouros atesta a Fé e patriotismo dos portuguezes e o seu reconhecimento e amôr para com Nosso Senhor pelos beneficios recebidos; na Fátima desce Deus até ao homem, na assombrosa humildade e singelêsa sob a qual, na sua misericórdia infinita, o amor divino se oculta para, por intermedio da Santíssima Virgem e nossa doce Mãe, — a Senhora do Rosario da Fátima o atraír, converter e salvar!

Braga, Outubro de 1928.

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.



Pensamentos

Quando uma sociedade não póde crear um governo, a este cumpre crear uma sociedade.

*

Quando visito uma capital, ha sempre quem me afirme que é aquêla a cidade mais corompida da Europa. E é sempre exato.

*

O meio mais seguro de sermos enganados é julgarmo-nos mais perspicazes do que os outros.

*

Ha raramente n'um menino a promessa de um homem; a menina é, porém, quasi sempre, a ameaça de uma mulher.

Dumas Filho.

A ENTRADA de S. Ex.^a Rv.^{ma} o sr. D. António Bento Martins, illustre Bispo de Bragança, no dia 12 do corrente, na sua diocese, revestiu grande brilhantismo pelas demonstrações de carinhosa e viva simpatia de que foi alvo durante o seu percurso do Tua a Bragança.

No Tua, onde foram expressamente, aguardavam S. Ex.^a Rv.^{ma} os reverendos srs. Vigario Capitular Conego José Manuel Diegues, Dr. Manuel da Ressureição Fernandes, vice-reitor do Seminario diocesano, abade José Cardoso Figueira, escrivão da Camara Ecclesiastica, padre Carlos Pereira, arcipreste de Macedo de Cavaleiros, padre José Manuel Pinto, paroco desta vila, padre Guilhermino da Silva, paroco de Chacim, padre Maximiano Gaspar Lima, paroco dos

Cortiços e os srs. parocos de Romeu, Sedões, Mirandela, Frechas, Vila Flôr, Vinhais, Horta e outros cujos nomes não pudemos saber, e os srs. Dr. Artur Aguedo d'Oliveira, membro da Junta Distrital e Dr. Abel Morais, advogado em Vila Flôr.

Em todas as estações do trajecto recebeu S. Ex.^a Rv.^{ma}, além dos cumprimentos do paroco respectivo as saudações das pessoas de categoria dessas localidades tendo

as manifestações assumido no Romeu uma animação verdadeiramente entusiastica.

Em Frechas recebeu também S. Ex.^a Rv.^{ma} os cumprimentos da Companhia Nacional que lhe foram apresentados pelo sr.

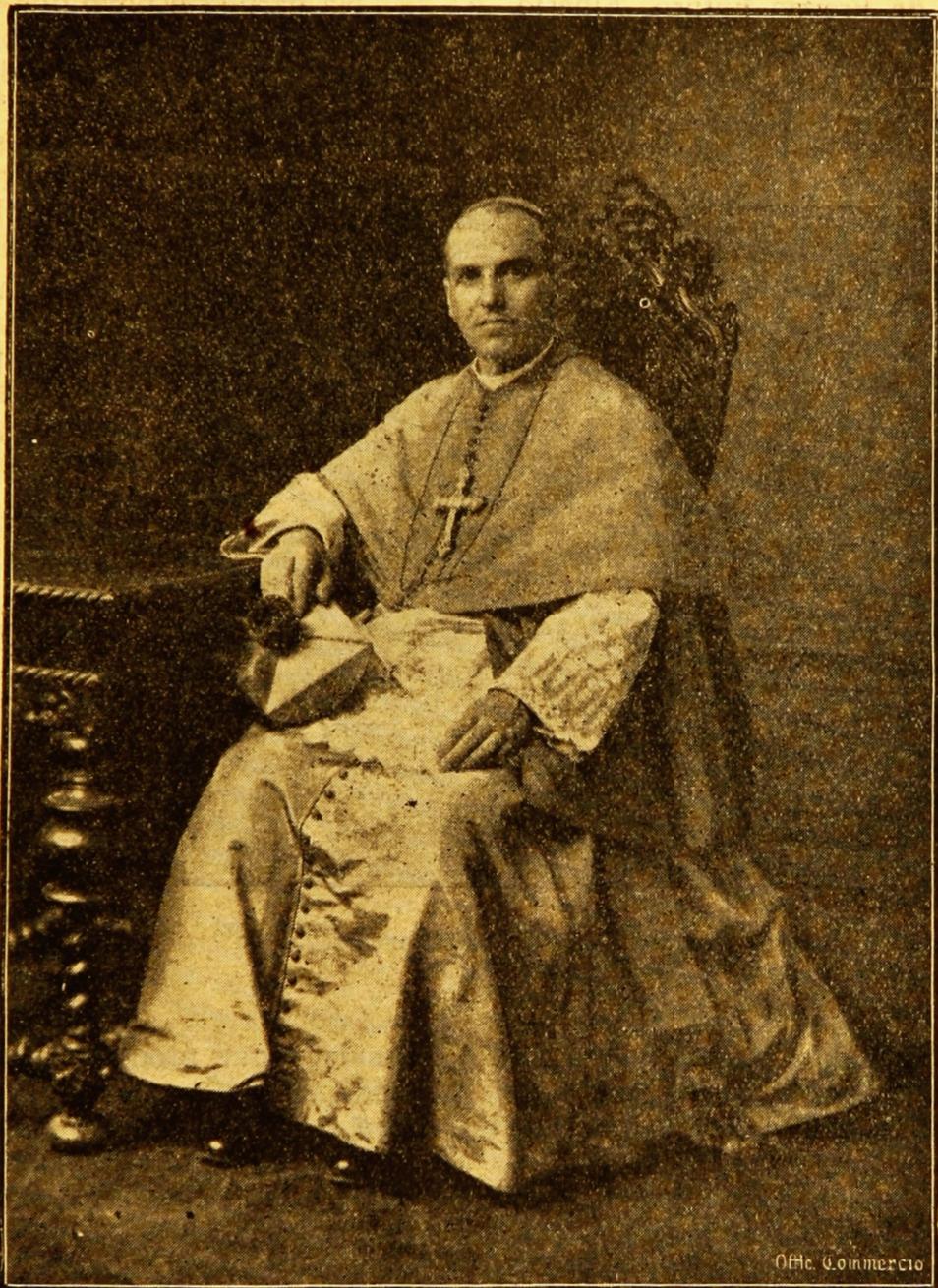
Rocha, funcionario superior desta linha.

A' estação de Grijó, concelho de Macedo de Cavaleiros, foi Sua Ex.^a Rv.^{ma} cumprimentado pelo sr. Governador Civil do Distrito que ali foi para esse fim tendo-o acompanhado até Macedo.

Quando o comboio entrou na gare e S. Ex.^a Reverendissima se apeou foi acolhido por uma vibrante salva de palmas tendo ido ao seu encontro o presidente da Camara Municipal sr. tenente Amadeu Sá Morais que em nome do municipio saudou Sua Ex.^a Rv.^{ma}.

Na gare, encontravam-se os srs. dr.

Avelino Sampaio Duarte, juiz de direito da comarca, dr. José Baeta, delegado do procurador da Republica, dr. Egas Moniz, conservador do Registo Predial, dr. Gualter Rodrigues, official do Registo Civil; padre João Rodrigues Valente, capitão Lobo Ferreira, João de Abreu Malheiro, escrivão de direito, dr. Meneses Cordeiro, Adelino Torres e Vasconcelos, escrivão de direito, Antonio José Coelho, chefe da repartição de



D. ANTONIO BENTO MARTINS JUNIOR

Illustre Bispo de Bragança

Finanças, Silva Gomes, tesoureiro da fazenda publica, José Custodio Valente, tesoureiro da Camara, António José Madeira, chefe da secretaria da Camara, Americo Lopes, Hermino Gonçalves, Lazaro José Rodrigues, João Francisco Vaz, António Fonseca, professor primario, Tadeu Gonçalves, Manuel Joaquim Silva, Anibal de Jesus, Aarão Suteiro Gomes, Carlos Furtado, aspirantes de finanças, Manuel Praça, Tomás António da Costa, Joaquim de Freitas Futuro, Alberto Nunes, João Manuel Rodrigues, chefe dos impostos fiscaes, Francisco Pires, Abel Madureira, José Luciano Ribeiro, Francisco Leite Velho, representantes da Associação

do reverendo paroco de Macedo de Cavaleiros celebrou missa na Igreja matriz, tendo nessa ocasião agradecido ao povo macedense as demonstrações de simpatia de que foi alvo.

Depois dum ligeiro almoço seguiu S. Ex.^a Rev.^{ma} e a sua comitiva, em automoveis para a estação onde o aguardava um comboio especial posto a sua disposição pela Companhia Nacional.

Na partida o povo que enchia a «gare» continuava a ovacionar o novo prelado, respondendo S. Ex.^a Rev.^{ma} dando a benção.

Acompanhavam S. Ex.^a Rev.^{ma}, o sr. Arcebispo de Braga, o seu secretario, o paroco da Regua e o sr. dr. Costa Lobo, professor da Universidade de Coimbra.

A chegada do venerando Prelado estava marcada para o meio dia, mas já ás 11 e meia estava a gare e imediações da estação coalhada de povo de todas as categorias, vendo-se representantes e delegações de todas as repartições e associações locais com as suas bandeiras, Camara, Comercio, Artistas, Academia, Cruzada Nun'Alvares, e um pequeno grupo de escoteiros, fazendo a guarda de honra.

Pouco depois do meio dia assomou finalmente o comboio, estabelecendo-se logo um grande movimento de curiosidade que produziu uma certa confusão, sendo os civicos ali de serviço impotentes para o dominar.

Foi por isso que com bastante dificuldade o sr. Governador Civil, os membros da comissão ali presentes, e outras pessoas gradas puderam apresentar a Suas Ex.^{as} Rev.^{nas} os seus cumprimentos, e com maior dificuldade ainda que Suas Ex.^{as} conseguíam entrar na sala de espera da estação tal era o aperto de gente. Finalmente, des congestionada a gare, começou a organizar-se o cortejo, no largo da estação retirando logo o Sr. Arcebispo Primaz, de automovel, para a Sé, e seguindo a pé, de capa magna, o novo Bispo, que era acompanhado por muito clero de sobrepeliz, em duas alas, com Cruz alçada à frente. Abria o cortejo o grupo de Escoteiros, com o seu galhardete, e fechava-o uma luzida guarda de honra, composta das pessoas de maior representação da cidade. Na rua Almirante Reis, rua



BRAGANÇA — O cortejo em que o novo Bispo de Bragança segue da estação para o templo de Santa Clara.

dos Artistas, muitas senhoras e muitas outras pessoas cujos nomes ignoramos, que enchiam completamente a «gare», e uma banda de musica.

Da estação seguiu S. Ex.^a Rev.^{ma}, a pé, para casa da sr.^a D. Herminia Martins, onde se hospedou, ouvindo-se durante o trajecto vivas a S. Ex.^a Rev.^{ma} ao clero, á religião que eram entusiasticamente correspondidos pela multidão que o acompanhava.

Nas ruas do trajecto, as casas apresentavam-se iluminadas.

Em casa da sr.^a D. Herminia Martins o reverendo paroco desta vila apresentou a S. Ex.^a Rev.^{ma} os parocos de Lamas, Edroso, Arcas, Amendoeira, Lamalonga, Grijó, Bagueixe e Castelões e os funcionarios civis.

Ao povo que se apinhava á porta deu o novo prelado o anel a beijar.

Apesar de fatigado da sua viagem o Sr. Bispo de Bragança, acedendo ao pedido

bastante larga, era realmente lindo o aspecto do cortejo, pela massa do povo, e pelas janelas e varandas, revestidas de colgaduras e apinhadas de senhoras. Ao passar em frente da Sé, repicaram todos os sinos da torre que foram acompanhados de repiques em todas as Igrejas da cidade.

Na rua de Santa Clara, estavam já dispostas em alas as diversas confrarias da cidade, e dentro da Igreja, que era a destinada para Sua Ex.^a Rev.^{ma} se paramentar, estavam também em alas, as Filhas de Maria e as associadas de Santa Joana, da Beata Imelda, dos Santos Anjos e do Menino Jesus, que ali estavam instaladas. Logo que

Sua Ex.^a assomou ás portas do templo engalanado com fino gosto, algumas meninas, vestidas de branco, pertencentes a estas associações lançaram sobre ele mancheias de pétalas, cantando ao mesmo tempo o grupo coral Santa Cecilia, da Pia União, um hino ensaiado de proposito para esta ocasião. Foi uma verdadeira apoteose de simpatia e dedicação ao novo Pastor que o Senhor enviou áquela diocese. Por isso se lia em muitos disticos, através do templo — Bemvindo — Bemvindo.

Enquanto Sua Ex.^a se revestiu, o mesmo grupo cantou, com muito mimo, e com acompanhamento de harmonio — «Ecce Sacerdus Magnus».

Organizou-se então a procissão, saindo Sua Ex.^a Rev.^{ma} debaixo do Palio, precedido do clero e das Confrarias e associações já mencionadas com as respectivas bandeiras. Na rua Direita que se dirige para a Sé, era de um belo efeito o conjunto da procissão e das janelas e varandas quasi todas engalanadas.

A entrada na Sé fez-se com muito custo tal era a multidão e o empenho de entrar no templo, que ficou repleto em poucos momentos. Instalado o Senhor Dom António no seu solio, que pela primeira vez o ocupa, assistido do Sr. Arcebispo Primaz, e das dignidades eclesiasticas e do seu clero, e com a presença do Ex.^{mo} Governador Civil e dos chefes ou representantes de todas as repartições e associações locais, procedeu-se então ás cerimoniais do Ritual, cantando-se após o «Te-Deum», em acção de gra-

cas, seguindo-se a cerimonia do beija-mão ao clero presente.

Dirigiu-se depois Sua Ex.^a para o púlpito, onde fez um discurso notavel, que hoje não publicamos por absoluta falta de espaço, mas o faremos publicár no proximo numero.

Emquanto S. Ex.^a se desparamentou foi cantado pelo côro e fieis o hino *Queremos Deus* começando então a Igreja a esvasiar-se dirigindo-se os dois Prelados, de automovel, para a casa que provisoriamente, está a servir de Paço Episcopal.

Logo a seguir foi S. Ex.^a cumprimentado por um numeroso grupo de presbiteros,



BRAGANÇA — A procissão do templo de Santa Clara para a Catedral

que, em nome do clero paroquial da diocese, lhe foi prestar a homenagem da sua obediencia e respeito, sendo recebido com palavras demonstrativas da sua muita bondade, mas também da sua firmesa na execução do plano que se tratou ao aceitar o munus de tanta responsabilidade.

O mesmo grupo foi depois a apresentar os seus cumprimentos ao Ex.^{mo} Primaz, retirando em seguida.

No automovel do sr. governador civil retirou para Braga pelas 9 horas o Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

A despedida, além do Ex.^{mo} D. António e do pessoal do Paço, estiveram o sr. governador do Bispado, e restante clero da cidade e muitas outras pessoas de representação.

Acompanharam-no os Ex.^{mos} Srs. Dr. Costa Lobo e P.^c Figueiredo da Regoa.

:: Uma manhã na Aldeia ::

O SOM dum sino que ecoava a alguma distancia, veio despertar-me do sono que de mim se havia apoderado desde as 10 horas da noite do dia anterior.

Aquele timbre monotono que se ouvia atravez do espaço, convidava os aldeãos a levantarem pela vez primeira daquele dia, preces fervorosas de acções de graças ao Deus Eterno, que lhe tinha sustentado a vida até aquella ocasião.

A seguir umas badaladas mais estridentes chamam aqueles que teem como primeira missão do dia, ouvir a Santa missa.

Assim fiz eu, levantando-me e, na companhia de alguém da casa onde me encontrava, lá partimos a caminho da igreja paroquial.

Mal se distinguiam os primeiros clarões da aurora para o nascente, e já se ouviam as vozes daqueles que, como eu, se dirigiam a cumprir a primeira missão daquele dia!

Orar a Deus.

Como é agradável, para nós cren-tes, à hora matutina, com o sol ainda encoberto pelas montanhas, e a nossa memoria refrescada pela brisa matutina, ir a caminho da igreja, louvar a Deus, render-lhe graças, pedir-lhe as bênçãos para aquele dia, e assistir ao Santo Sacrificio da Missa!

Depois de uns vinte minutos de caminho entravamos na igreja, que fica situada no alto dum monte, completamente isolada.

Após a Santa Missa, caminhamos

monte abaixo em direcção a casa para irmos almoçar.

Rompiam já os primeiros raios do sol que formavam como que um leque, que iam bater nas paredes brancas daquela casa de oração, que, vista de longe parecia mais uma ermida, do que uma igreja paroquial, onde diariamente dezenas de crentes ali ajoelham, a implorar as graças celestiais e a receber o Pão dos Anjos que, dentro dum modesto sacrário ali espera apenas acompanhado por a luz triste da alampada, de manhã a manhã, as almas dos que O amam.

Parei quasi em frente à igreja extasiado perante um scenário brilhante que se me deparou, deixando-me quasi absorto na contemplação daquela beleza que eu pela vez primeira apreciava.

Há muito que eu ouvia dizer que era belo o romper da aurora.

Aquele fóco que a pouco e pouco se ia tornando mais claro começava a beijar com a sua luz meia avermelhada primeiro, as comeadas dos montes, depois as tranças das arvores e por fim o solo, mostrando-nos, todo aquele tapete verdejante, manchado de espaço a espaço.

— Se não tiveste ainda, caro leitor, o prazer de apreciar esta beleza da Natureza, que Deus criou, tira-te dos teus cuidados e numa manhã limpida de primavera ou de verão, sóbe, acompanhado pelo gorgear dos passarinhos, a um ponto alto duma aldeia e daí, aguarda com verdadeira curiosidade darte, esta fita que a pouco e pouco se irá desenrolando à tua vista.

HORÁCIO CRESPO.

O AVÔ

Mais uma obra de
Nuno de Montemór

Acabamos de receber esta magnífica obra, que constitui mais um triunfo para o dintinto escritor Nuno de Montemór.

E' o primeiro volume da « Colecção Vêritas », com o qual se inicia a realisação do movimento que Nuno de Montemór e a *União Gráfica* lançaram em Novembro de 1927.

Esta novela, sendo cristianíssima, não versa um assunto puramente religioso, e foi propositadamente escolhida para que o publico católico se habitue a julgar e a comprar, como literatura católica, mesmo aquela literatura que não tem por objecto um tema estritamente religioso.

No seu grande livro « A Igreja e o Pensamento Contemporâneo » diz sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Milene: « literatura católica não quer dizer, necessariamente, literatura de edificação, mas sim literatura que, sem nada perder das exigencias da técnica literária sem a qual não há obra artística, se inspira nas verdades e exigencias morais do catolicismo.

Com a renovação da literatura católica, não se faz apenas, uma afirmação de alta mentalidade católica, tão acusada de obscurantista, mas visa-se ainda a contrabalançar e até a extinguir a grande difusão da literatura perniciososa, pois que a influencia desta, na vida dos povos, é tão extensa e intensa, que Faguet chega a dizer que um dos efeitos da influencia de Rousseau, que ainda dura, foi substituir os padres pelos romances.

Se os povos podessem contentar-se com livros de leitura piedosa bem estavamos, mas o fenómeno literário e artístico não se pode eliminar, e um dos grandes erros dos católicos foi desconhece-lo ou despreza-lo em todo o século XIX.

Em todos os países, os grandes es-

critores e artistas católicos, estão hoje trabalhando, activamente, para ganhar o tempo perdido, afirmando-se, com notavel talento, nos vários campos da literatura e da arte — até no cinematógrafo.

Em Portugal, as chamadas elites católicas, compreendem e secundam o mesmo pensamento, mas há, no campo católico, sobre tudo nos crentes incul-



NUNO DE MONTEMOR

Autor do admiravel romance « O Avô »

tos, uma indiferença e até às vezes uma resistencia absurda à chamada literatura católica.

Nos ultimos anos, um ou outro escritor tem feito, isoladamente, herculos esforços para, com obras integralmente católicas, abrir caminho, conseguindo estabelecer uma grande clareira que seria criminoso os católicos não alargarem, pois será ela o campo onde os novos das letras farão as suas primeiras armas.

Temos sido testemunhas dos desinteresses, sacrificios e até injustiças que, algumas vezes, pesam sobre escritores e editores católicos, sem que aos seus trabalhos, por vezes esgotantes, corresponda uma consideração e uma retribuição condignas, quando, no campo adverso, os escritores que servem o mal, são exaltados e acarinhados.

Para bem da Igreja, da Pátria e das letras, é urgente que esta atmosfera se clarifique.

A vitória desta cruzada, que começa a ser uma realidade, iniciámo-la com o primeiro volume da « Colecção Veritas », mas esta, na expressão de Nuno de Montemór, é apenas o primeiro e pequenino passo numa estrada extensa, há mais de um século abandonada.

Os nossos agradecimentos ao distinto escritor Nuno de Montemór, pela amabilidade da oferta dum exemplar da sua magnífica obra — « O Avô ».



Sepultura de David

O monte de Sião, que, nas eras bíblicas, teve a honra de dar o seu nome a Jerusalem, apresenta hoje um aspecto arido, esteril e tristemente solene. No seu cume arredondado avultam tres ruínas celebres. A casa de Caifás, o Cenáculo e o palacio de David. A casa de Caifás, onde S. Pedro renegou ao seu divino Mestre, é hoje uma igreja servida pelos Armenios, e fórma a corôa da montanha. No palacio derrocado de David existe ainda uma pequena sala, onde se conservam tres tumulos de pedra enegrecida pelos seculos. O Cenáculo serve hoje de hospicio aos Turcos. Foi n'aquelle mesmo logar que o Rei-profeta guardou, durante tres meses, a Arca da Aliança; ali celebrou Jesus Cristo a sua ultima pascoa; instituiu o Sacramento da Eucaristia; appareceu a seus discipulos, depois de resusci-

tado; e foi tambem ali que o Espirito Santo desceu sobre os Apostolos.

Tentou-se, um dia, fazer umas escavações n'aquelle sitio e, a tal respeito, conta-nos Benjamim de Tudéle um facto singular acontecido n'essa occasião.

« Jerusalem é rodeada por todos os lados de altas montanhas, mas é sobre a montanha de Sião que devem estar as sepulturas da familia de David, de que se ignora precisamente o local.

Haverá uns quinze anos que uma das paredes do Templo, ali edificado, se desmoronou. O Patriarca de Jerusalem ordenou a um padre que a mandasse reparar com as pedras achadas nos alicerces das muralhas da antiga Sião (a cidadela ou castelo de David). Para este effeito o padre ajustou a obra com uns vinte trabalhadores; entre estes havia dois muito amigos e bastante inteligentes.

Um d'elles, depois da obra estar já adiantada, lembrou-se, um dia, de convidar o outro para almoçar em sua casa. Quando tornaram para o trabalho, depois de terem comido junto, o inspector das obras lhes perguntou a razão, por que se tinham demorado tanto tempo; ao que elles responderam que compensariam na hora da sêsta o tempo que tinham faltado ao trabalho. Efectivamente, em quanto os outros operarios foram jantar, os dois amigos pozeram-se de véras á obra, e levantando uma grande pedra que tapava uma concavidade aberta em uma outra pedra, diziam um para o outro: — Vamos ver se ha aqui algum tesouro escondido, — e, entrando juntos pela abertura, foram dar a um palacio subterraneo sustentado por colunas de marmore, e coberto de folhas de ouro e de prata. A' entrada, havia uma mesa com um scetro e uma corôa em cima: era a sepultura de David, rei d'Israel; a de Salomão, com os mesmos ornatos, estava á esquerda, assim como os de muitos outros reis de Judá da familia de

ANECDOTAS HISTORICAS

Triboulet, bobo do rei Francisco I, foi ameaçado de umas bastonadas por um fidalgo a quem ele se referira em termos pouco lisonjeiros. O truão foi-se queixar ao rei, que lhe disse :

— Não tenhas receio ; se ele te matar, será enforcado um quarto de hora depois.

— Senhor, muito vos agradeço a intenção ; mas eu ousou confessar a V. M. que preferia que essa pessoa fosse enforcada um quarto de hora antes.

*

O medico Du Moulin, estando á morte, disse a muitos confrades que deploravam a sua perda :

— Meus senhores, deixo tres grandes medicos...

Julgando que iam ser diclinados os seus nomes, os seus colegas presentes fitaram atento os labios do moribundo o qual murmurou ;

A agua, o exercicio e a dieta.

*

O Sabio Budé trabalhava no seu gabinete, quando, aterrado, ahi entrou precipitadamente um dos seus criados, afim de lhe dizer que havia fogo na casa. Budé, muito calmo, sem deixar a pena que tinha entre os dedos, ordenou :

— Previna a senhora. Sabe que eu não me ocupo de questões domesticas.

*

No declinio da sua carreira, a actriz Plessy, da Comedie-Française, fazia ainda a admiração dos espectadores pela pureza da sua dicção e pela graça das suas atitudes. Alguns criticos mostravam-se, no entanto, severos com relação a ela e insistiam em dizer que a grande artista já não contava a idade exigida pelo papel de Célimène, que com frequencia interpretava.

A essas observações, Banville respondeu com esta quadra :

Dans Molière, dit-on, Célimène a vingt ans :

Plessy ne les a plus. O critique impertune !

Plessy les a toujours dans ses traits ravissants, Et plutôt deux fois qu'une !

*

A educação é, para o homem, uma necessidade organica.

Horacio Mann.

Rossini tinha terminado a orchestração de tres canticos, a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*. Sempre caustico, e hostil por temperamento ao talento do seu confrade, Berlioz resumiu assim, n'um folhetim musical, a critica das novas composições do autor do *Barbeiro* :

— A sua *Esperança* iludiu a nossa ; a sua *Fé* não transportará as montanhas ; quanto á *Caridade* que ele nos fez, certamente não o arruinará.

*

Saber esperar é o grande segredo do exito.

De Maistre.

*

As offensas mais graves, premeditadas ou não, nos são feitas pelos nossos amigos.

Pucker-Muskau.

*

As verdades escritas só nos impressionam quando confirmam as nossas experiencias pessoais.

Dranmor.

*

As verdadeiras amizades são parentescos da nossa escolha.

Ernesto Legouvé.

*

De todas as miserias a que está sujeita a pobre humanidade, aquela que mais sinceramente lastimo, é o tédio.

V. Cherbuliez.

*

Se soffreis a injustiça de um homem mau, perdoae-lhe, a fim de que não sejaes dois máus.

Santo Agostinho.

*

A lisonja é um comercio vergonhoso, só util ao lisonjeiro.

Theophrasto.

*

A fraternidade é uma das mais belas invenções da hypocrisia social.

Gustavo Flaubert.

*

Temos sempre bastante coragem para suportar os males alheios.

La Rochefoucauld.

*

A colera é uma especie de inebriamento que não perturba menos o espirito do que a verdadeira embriaguez.

S. Basilio.